

Palocci volta a descartar intervenção no câmbio

Em palestra a investidores nos Estados Unidos, ministro ressaltou a força da economia brasileira

LU AIKO OTTA
E FÁBIO ALVES

NOVA YORK – A queda acentuada na cotação do dólar foi um dos principais temas dos encontros que o ministro da Fazenda, Antônio Palocci Filho, teve ontem: um café da manhã no Conselho de Relações Internacionais e uma palestra durante almoço oferecido pela Câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos, ao final da qual ele foi aplaudido de pé. Questionado sobre se o governo faria algum tipo de intervenção, Palocci foi taxativo: “A fixação da taxa de câmbio já foi tentada no passado e levou à ruína países da América Latina”, disse. “Gostaria de só cometer erros novos; repetir erros do passado seria injusto com o Brasil.”

Palocci arrancou risos da platéia quando afirmou que a política econômica brasileira é “talvez a mais criativa da história”. Ele explicou que sua equipe evita tomar qualquer decisão antes de estudar as experiências passadas. “É riquíssima em invencionices a nossa economia; nunca se inventou tanto plano”, comentou. “Por isso, precisamos ter a singeleza de não cometer os mesmos erros.”

O ministro explicou que a política econômica brasileira tem dois objetivos: fazer baixar o estoque da dívida pública como proporção do Produto Interno Bruto (PIB) e reduzir as taxas de inflação. “Não temos meta para o câmbio”, disse. “Ele vai encontrar seu ponto de equilíbrio, e não interessa se é A ou B.”

Os integrantes da equipe econômica não disfarçavam a satisfação com o comportamento do dólar. Palocci pretende melhorar ainda mais o saldo das transações do Brasil com o exterior por uma via diferente da administração do câmbio: o comércio,



Palocci, em discurso para empresários: política econômica brasileira é rica em invencionices

fortalecido pelo ganho de produtividade e competitividade das empresas brasileiras.

O choque econômico do ano passado, disse Palocci, fez com que alguns países amargassem retração em suas economias, o que não

ocorreu no Brasil. “É uma demonstração real de força da economia brasileira”, comentou. Ele lembrou que, em 2002, as contas externas tiveram um déficit de 4,7% do PIB, mas neste ano o resultado deverá

ser inferior a 1% do PIB. “Por isso, eu digo a vocês: confiem no Brasil”, disse o ministro a uma platéia de investidores e analistas.

O ambiente de otimismo alimentou também as especulações sobre uma nova emissão de títulos soberanos pelo Brasil. “Nada contra, mas não temos pressa”, afirmou Palocci. “Vamos analisar a necessidade e o momento.”

Após o almoço, o ministro teve uma reunião privada, fora da agenda divulgada, com o vice-presidente sênior do Citigroup, William Rhodes, e com Carlos Guimarães, do Salomon Smith Barney. Após o

encontro, Rhodes disse que uma nova emissão é decisão exclusiva do governo brasileiro, mas comentou: “Se eles decidirem ir, terão uma boa

recepção do mercado”.

Outra consequência da queda do dólar é o alívio para a inflação. “A inflação tem tido um comportamento descendente este ano, e o câmbio é um elemento essencial”, disse o ministro. Palocci considera, por isso, prematura uma eventual revisão das metas fixadas para este ano. “Vamos ser cautelosos e avaliar as coisas dia após outro, porque dia após outro o petróleo cai e o dólar desvaloriza”, comentou. “Portanto, nosso otimismo tem de ser maior.”

Palocci explicou que, de fato, a elevação das taxas de juros não tem efeito sobre a inflação quando essa decorre do aumento dos preços administrados. No entanto, disse o ministro, ainda não há clareza sobre se os preços públicos estão de fato subindo além do esperado. “Por esse ponto de vista, não há razão para preocupação a curto prazo”, avaliou.

Gostaria de só cometer erros novos; repetir erros do passado seria injusto com o Brasil

**Antônio Palocci,
ministro da Fazenda**